



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**CARLOS MAGNO SOUZA BARBOSA**

**O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

**GUARABIRA – PB  
2015**

**CARLOS MAGNO SOUZA BARBOSA**

## **O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Licenciatura Plena em Geografia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Esp. Rônia Galdino da Costa

GUARABIRA – PB  
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238e Barbosa, Carlos Magno Souza  
O ensino da geografia nas escolas públicas [manuscrito] /  
Carlos Magno Souza Barbosa. - 2015.  
17 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.  
"Orientação: Rônia Galdino da Costa, Departamento de  
Letras".  
  
1. Geografia. 2. Metodologia de Ensino. 3. Escola Pública.  
I. Título.  
  
21. ed. CDD 910

CARLOS MAGNO SOUZA BARBOSA

## O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
**Licenciatura Plena em Geografia**  
da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do grau de  
Licenciado em Geografia.

Aprovada em 18/06/2015

Rônia Galdino da Costa

Prof.<sup>a</sup> Esp. Rônia Galdino da Costa / UEPB  
Orientadora

Ana Glória da Silva Marinho

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Glória da Silva Marinho / UEPB  
Examinadora

Raissa Regina Silva Coutinho

Prof.<sup>a</sup> Ms. Raissa Regina Silva Coutinho / UEPB  
Examinadora

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO: ENTENDENDO O QUE É METODOLOGIA.....</b>	<b>8</b>
<b>3 A PRÁTICA GEOGRÁFICA CONTEMPORÂNEA NAS ESCOLAS DE ENSINO PÚBLICO.....</b>	<b>9</b>
<b>4 OUTRAS MANEIRAS DE ENSINAR GEOGRAFIA.....</b>	<b>10</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Geografia escolar é fundamental para compreensão da realidade tanto em nível regional (micro) quanto em nível mundial (macro), possibilitando o desenvolvimento, nos educandos, de inúmeras competências essenciais para a sua existência como seres sociais. Consciência política, cidadania, noções de ecologia, preservação dos recursos naturais e sustentabilidade estão entre os saberes relacionados diretamente com a ciência geográfica. No entanto esses objetivos nem sempre são alcançados. Especialmente nas escolas da rede pública, onde a metodologia de ensino mais empregada é o Método Tradicional, o ensino da Geografia limita-se aos currículos pré-determinados pelo Ministério da Educação e difundidos através dos chamados PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), que orientam os professores na construção do plano de aula. Os temas abordados por estes profissionais geralmente correspondem aos tópicos dos livros didáticos que em tese deveriam ter sido selecionados por eles mesmos. Os jovens se deparam com aulas repetitivas e enfadonhas, centradas em conteúdos, sem a utilização de qualquer recurso educacional que não seja o velho quadro negro ou branco, que, inclusive, é o único material disponibilizado em muitos estabelecimentos de ensino. Essa prática descaracteriza a ciência geográfica, que, embora fundamentada em princípios, métodos e técnicas, é extremamente abrangente, reunindo conhecimentos de ciências naturais e sociais.

Para que se possa formular uma prática pedagógica eficaz faz-se necessária, a priori, uma análise das características do ambiente de ensino, bem como dos aspectos socioeconômicos da comunidade onde se situa. Pensando nisto, propomos uma pedagogia de ensino diferenciada no âmbito da geografia praticada nas escolas públicas. Para tanto definiremos o que é uma metodologia de ensino, analisaremos como funciona o ensino contemporâneo da Geografia nas escolas da rede pública e sugeriremos pedagogias diferenciadas.

Este artigo surgiu de uma inquietação proveniente da emersão em uma pesquisa realizada no Centro Educacional Osmar de Aquino, em Guarabira, para a elaboração do Relatório Final de Estágio Supervisionado II apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito avaliativo da Disciplina de Estágio Supervisionado II. De tal experiência brotaram os seguintes questionamentos: A influência das técnicas de ensino tradicionais sobre a

aprendizagem; a relação entre as dificuldades encontradas pelo professor no ambiente de ensino com a falta de estrutura; o quanto estes fatores podem contribuir para a evasão escolar ou mesmo maus resultados no ENEM. Com o intento de discutir tais questões, este trabalho, arvorado nos escritos de David P. Ausubel, Paulo Freire, Sonia Maria Vanzella Castellar, entre outros teóricos, assume o importante papel de trazer a lume uma maneira inovadora de ministrar aulas de Geografia, para romper com o tradicionalismo educacional que tolhe a criatividade tanto de educadores como de educandos, podendo vir a colaborar, através de sugestões e propostas, com os novos educadores de Geografia que estiverem no contexto das escolas públicas, e que se deparam cotidianamente com essas situações, auxiliando-os no desenvolvimento de suas metodologias de ensino e, em reflexo, de suas práticas pedagógicas, e proporcionar, assim, o favorecimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Em um primeiro momento discutiremos brevemente a respeito da Geografia escolar e de sua prática. Em um segundo momento haveremos de explicar acerca do significado do termo metodologia de ensino, visando compreender de maneira mais detalhada o que vem a ser método e técnica educacional. Em um terceiro momento explicitaremos como se desenvolve a metodologia de ensino em nosso campo de estudo, a escola pública, como ela é empregada pelo professor, que tipo de abordagem é mais utilizada, quais os reflexos dessa escolha no ambiente de ensino e em seus protagonistas, os alunos.

Em um quarto momento debateremos sobre algumas das correntes do pensamento geográfico contemporâneo e sugeriremos uma metodologia/abordagem pedagógica que, embasada nessas correntes, se mostre mais adequada a nossa realidade atual, que faça jus a ciência geográfica, que possa despertar nos educandos o desejo pelo conhecimento, a capacidade de analisar e compreender o que está a sua volta, sociedade e natureza, de transformar beneficentemente o seu meio, de ser participante e não mero expectador no palco da vida, e que consiga fazer com que o conhecimento una-se a prática e a experiência pessoal de cada um, conforme Ausubel (2003, p. 2), “[...] com ideias relevantes existentes na estrutura cognitiva do aprendiz, [...]”, para que, enfim, esse conhecimento possa ter significado, contrapondo-se ao tradicionalismo educacional, que não proporciona aos educandos:

[...] "meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhes damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção." (FREIRE, 2007, p. 104, 105).

## 2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO: ENTENDENDO O QUE É METODOLOGIA

Para a construção do saber científico faz-se necessária a utilização de uma metodologia. O método empregado pelo pesquisador está intimamente relacionado com o desenvolvimento da pesquisa e com os seus resultados. A Geografia, escolar ou acadêmica, é uma ciência e requer, como qual, uma metodologia para a sua construção e aplicação. O professor de Geografia é também um pesquisador, e deve (ou deveria) estar habituado com o conceito e o uso das diversas metodologias de ensino específicas ou não para a sua área de atuação. Contudo o que vem a ser método? Em que diferem método e técnica de ensino? Para Rangel (2005, p. 9):

[...] "a etimologia da palavra método encontra-se no latim *methodus*, que, por sua vez, se origina do grego *meta*, que significa meta, objetivo, e *thodos*, que significa o caminho, o percurso, o trajeto, os meios para alcançá-lo. Já a palavra "técnica" tem sua origem justificada no "como fazer" o trabalho, como desenvolver seu processo de construção, seus procedimentos, seu encaminhamento. A origem de "técnica" encontra-se no grego *technicu* e no latim *technicus*. Etimologicamente, o significado de técnica é o de "artes", "processos" de se fazer algo, ou como fazê-lo, como realizá-lo. Assim, o método é o caminho, e a técnica é "como fazer", como "percorrer" esse caminho. "

Acerca da metodologia educacional, a autora ainda acrescenta: "A metodologia didática refere-se, então, ao conjunto de métodos e técnicas de ensino para a aprendizagem." (RANGEL, 2005, p. 9).

Selecionar um ou mais métodos de ensino adequados para o seu contexto e desenvolver uma técnica eficiente para aplicá-lo em sua prática pedagógica é o desafio inicial do professor em geral. O Geógrafo traz acrescidas uma série de competências e problemáticas próprias da ciência geográfica, como o indispensável enfoque crítico-social. O primeiro passo nessa empreitada é o planejamento, que vai inserir o educador na realidade específica e peculiar de seu ambiente de ensino, através do conhecimento e da compreensão das características físicas e socioeconômicas da escola e da comunidade que ela atende. Tais informações possibilitam que o educador/pesquisador opte por determinado(s) método(s)/técnica(s) para a construção de seu plano de aula, que vai guiá-lo em sua



vivência pedagógica. Aliás, essa vivência, a prática pedagógica em si, colocará a metodologia à prova. Se a resposta dos educandos for positiva, o caminho escolhido pelo professor foi o mais acertado, do contrário, o erro pode ser corrigido. E é através da etapa de avaliação que se toma conhecimento dos reflexos da metodologia adotada pelo educador sobre os alunos.

"A avaliação é feita sobre o contexto, os processos e os resultados do método, sobre a sua prática, sobre o desempenho e a participação de professores e alunos, observando-se, sobretudo, a garantia da aprendizagem do conhecimento em seus aspectos e conceitos essenciais." (RANGEL, 2005, p. 18).

Assim sendo, as três etapas referentes a construção do conhecimento, o planejamento, a prática e a avaliação, são primordiais para a concepção e a eficácia de qualquer metodologia de ensino.

### **3 A PRÁTICA GEOGRÁFICA CONTEMPORÂNEA NAS ESCOLAS DE ENSINO PÚBLICO**

O conhecimento geográfico não se resume aos conceitos de espaço e território, de sociedade e natureza. Evidentemente tais conceitos são essenciais para a sua construção, e servem de alicerce para o desenvolvimento da Geografia Escolar, porém o seu real objetivo é promover a compreensão dos fenômenos naturais e sociais de maneira prática, mas profunda, dando aos educandos a possibilidade de interferir em seu meio. Para Castellar (2005, p. 211):

[...] "pensar a geografia como uma disciplina que ensina a memorizar informações soltas é uma idéia equivocada. Por isso construir a idéia de espaço na sua dimensão cultural, econômica, ambiental e social é um grande desafio da geografia, e da geografia escolar. Mais, ainda, pensar que os fenômenos geográficos podem ser analisados articuladamente e em diferentes escalas, o que significa conceitualmente, em função de diversas práticas e das representações sociais."

Dotada de um dinamismo expressivo, a ciência geográfica adapta-se a cada uma das realidades sociais em que é apreendida, e funciona como mecanismo motor para a transformação, em primeiro lugar, da mentalidade dos alunos, dando-lhes a dimensão de sua existência como ser social e como força exógena da natureza, e em segundo lugar, por consequência, do ambiente (sociedade e/ou natureza).

A Geografia Tradicional, método de ensino comumente empregado pelos educadores nas salas de aula das escolas públicas brasileiras, resume-se em transmitir as informações obtidas no livro didático para os alunos, limitando-se a reproduzir, ou, no máximo, reconstruir este conhecimento pré-concebido para que ele possa ser assimilado com certa facilidade. Nesse modelo educacional o professor figura como agente do saber e o educando como receptor, de preferência passivo e estático, desse saber. De acordo com Santos (2005, p. 21):

"Entende-se por abordagem tradicional a prática educativa caracterizada pela transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo dos tempos. Essa tarefa cabe essencialmente ao professor em situações de sala de aula, agindo independente dos interesses dos alunos em relação aos conteúdos da disciplina. [...] Nesse sentido, o ensino tradicional tem como primado o objeto, o conhecimento, e dele o aluno deve ser um simples depositário. A escola deve ser o local ideal para a transmissão desses conhecimentos que foram selecionados e elaborados por outros."

Os livros didáticos de geografia, que servem de fundamentação prática para a elaboração das aulas e de seu conteúdo, e os manuais que os acompanham ou neles embutidos, os quais funcionam como amparo metodológico para o professor, este absorvido pela rotina de trabalho árduo e mal remunerado, responsabilizado pela educação formal e informal de seus alunos, limitam a criatividade de ambos e descaracterizam a Geografia como ciência. A sociedade brasileira, tão desigual e injusta, marcada pela corrupção política, pela falência dos serviços públicos, pela violência e criminalidade urbanas, pelo descaso das autoridades para com a questão ambiental, pela meritocracia e pelo "egocentrismo" generalizado, perde, com a perpetuação de um modelo defasado de ensino, e, aliás, conivente com essa situação deplorável, a oportunidade de promover efetivas mudanças. Segundo Bodernave (apud SANTOS, 2005, p. 20), essa "pedagogia de transmissão", como ele a denomina, "forma alunos passivos, produz cidadãos obedientes e prepara o terreno para o Ditador Paternalista. A sociedade é marcada pelo individualismo, e não pela solidariedade". Em nosso caso, especificamente, o falso democrata paternalista.

#### **4 OUTRAS MANEIRAS DE ENSINAR GEOGRAFIA**

A Geografia, como já foi dito, é uma ciência extremamente dinâmica, pois agrega saberes e competências de inúmeras outras ciências, denominadas afins, e tem por objeto de estudo primordial o espaço geográfico, que é o espaço modificado pelo homem, visto, por sua vez, como ser social, e as sociedades por ele arquitetadas encontram-se em constante transformação. Porém parte desse dinamismo tão característico da ciência geográfica é perdido durante a transposição da Geografia Acadêmica para a Geografia Escolar, que, a despeito de seus próprios fundamentos, assume o aspecto de "matéria decorativa", "informação inútil" para a vida dos educandos.

O professor, qualquer que seja a sua área de atuação, deve despertar a curiosidade e a compreensão profunda do aluno pelo conhecimento ao qual ele se dedica e ministra. Para Freire (1996, p. 21):

"A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado."

Diversos motivos poderiam ser apontados como desmotivadores da prática docente, entre eles os baixos salários, que impõe uma dura rotina de trabalho aos professores, obrigando-os, muitas vezes, a lecionar em várias instituições de ensino diferentes, tomando-lhes o tempo que deveria ser empregado no planejamento; ou a estrutura física e o apoio pedagógico oferecidos ou não pelas instituições. Freire (1996, p. 39) afirma:

"O professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversa que nem se move. O desrespeito a esse espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e a prática pedagógica."

Essas e outras dificuldades podem induzir o professor a simplesmente reproduzir a metodologia tradicional que vigora a décadas nas escolas públicas, ou mesmo a negligenciar os seus deveres como educador e simplesmente suplantar a indispensável etapa do planejamento de ensino na elaboração de seu plano de aula. Durante a realização da pesquisa no Centro Educacional Osmar de Aquino, em Guarabira, já citada nesse trabalho, algumas situações semelhantes foram observadas. A professora cooperadora, para fugir do tradicionalismo praticado por

seus colegas, ao menos um pouco, trazia para as aulas, por vezes, notebook e data show de sua propriedade, embora com grande receio de ser assaltada, já que a própria escola não disponibilizava esses recursos didáticos, nem qualquer outro.

Entre as correntes do pensamento geográfico contemporâneas que podem guiar o professor na escolha e/ou construção de uma metodologia condizente com a realidade em que se encontra o Brasil, duas se destacam: A geografia crítica ou radical e a da percepção. A primeira é fundamentada, em parte, nas teorias marxistas, e analisa o espaço geográfico e os meios de produção através da sociedade. Para Stefanello (2009, p. 26):

[...] "a geografia crítica trouxe grandes contribuições, ou seja, os conteúdos passaram a ser caracterizados pela reflexão a respeito da organização do espaço e de suas contradições, acarretando uma forte tendência em analisar a produção do espaço a partir das estruturas sociais."

Esta corrente foi grandemente influenciada pelo professor Milton Santos, que, em suas obras, discutiu profundamente acerca do conceito de espaço (geográfico) e de seus fenômenos.

"O que propomos como objeto dessa geografia renovada é o estudo das sociedades humanas em sua obra de permanente reconstrução do espaço herdado das gerações precedentes, através das diversas instâncias da produção" (SANTOS, 2004, p. 240).

A outra corrente é a geografia da percepção, de caráter estritamente humanístico, que se fundamenta na fenomenologia do filósofo Husserl, e analisa o espaço geográfico sob a ótica do indivíduo, considerando as várias experiências e observações do mesmo naquele ambiente específico, que, sob tais condições, passa a ser denominado lugar, e as ligações e inter-relações entre o homem e o meio, geograficidade. "Sob esse novo enfoque, os geógrafos começam a estudar a percepção que o homem tem do mundo e os significados que ele atribui aos objetos percebidos a partir de sua experiência, da sua cultura e de suas aptidões" (STEFANELLO, 2009, p. 27).

Duas metodologias que poderiam validar os pensamentos de ambas as correntes geográficas tratadas são a Educação Libertadora de Paulo Freire e a Aprendizagem Significativa de David Ausubel.

A pedagogia de Freire, de cunho político-social, objetiva conscientizar o aluno com relação as classes menos favorecidas e fazê-lo entender a sua situação de "oprimido" e agir em favor da própria libertação. O caráter formador e modificador da Educação Libertadora induz a uma prática de ensino que tende a desenvolver a criticidade, a individualidade, a autonomia ideológica, e a criatividade dos educandos, Conforme Freire:

"Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto" (FREIRE, 1996, p. 26).

David P. Ausubel, psicólogo norte-americano, desenvolveu o conceito de "aprendizagem significativa", que seria aquela que relaciona o conhecimento com a experiência pregressa de cada aluno, que é desafiado, através de aulas e atividades estimuladoras, a reconstruir esse conhecimento para então assimilá-lo, o que o torna bem mais acessível mnemonicamente.

A contraparte da "aprendizagem significativa" seria a "aprendizagem memorística", que está relacionada à absorção do conhecimento através da repetição das informações, meramente, o que o torna passível ao esquecimento quase que imediato, muito provavelmente logo após a avaliação. A "aprendizagem memorística" ou "mecânica" de Ausubel muito se assemelha a metodologia tradicional.

"Na sua teoria, Ausubel apresenta uma aprendizagem que tenha como ambiente uma comunicação eficaz, respeite e conduza o aluno a imaginar-se como parte integrante desse novo conhecimento através de elos, de termos familiares a ele. Através da palavra, o educador pode diminuir a distância entre a teoria e a prática na escola, capacitando-se de uma linguagem que ao mesmo tempo desafie e leve o aluno a refletir e sonhar, conhecendo a sua realidade e os seus anseios." (PELIZZARI et al., 2002, p. 41).

Poder-se-ia trabalhar, a termo de exemplo, sob o enfoque crítico ou perceptivo, fazendo uso da metodologia de Freire, dentro do tema "Urbanização", o processo de formação das periferias ou "favelas" nas cidades brasileiras. Para os jovens de uma dessas comunidades, a observação da realidade que os rodeia, a análise de suas próprias experiências em seu meio social, e a compreensão dos

processos que desencadearam o surgimento daquele espaço e a manutenção de suas características e problemáticas (como a violência, o tráfico, a prostituição, o abandono por parte do poder público, etc.) pode promover a conscientização dos mesmos, e esta, aliada a ação responsável, encabeça as transformações verdadeiras.

Para os jovens de áreas centrais, tomar ciência, entender as expressivas disparidades entre as zonas periféricas e o centro das cidades, bem como as suas causas, pode trazer alguma sensibilidade, alguma empatia, tão necessárias em uma sociedade individualista, contribuindo para formação de seu caráter e de sua consciência.

Para que a aprendizagem desses conceitos pudesse ser significativa como propõe David Ausubel, levando em consideração as etapas da estruturação desse tipo de conhecimento, que são: a construção do sentido, onde o conteúdo é inicialmente contextualizado para que possa vir a se tornar o mais próximo possível da realidade do aluno; a apresentação do conteúdo, que intenta fazer com que o aluno desenvolva, com o auxílio do professor, o significado do conceito apresentado e para finalizar, a verificação da aprendizagem, onde são apresentados desafios instigadores, acrescidos de valores socioculturais, que tem a finalidade de verificar se os conceitos foram realmente aprendidos, poder-se-ia, ainda pensando no tema "favelização", apresentar aos alunos uma série de imagens que remetesse aos problemas sociais vinculados às favelas e vivenciados cotidianamente pelos habitantes de regiões de periferia, iniciando um debate com a turma.

Entre os temas que poderiam ser abordados (e discutidos) nessa aula significativa estão a violência urbana e o abandono do poder público, bem como a estreita relação entre as regiões periféricas e as centrais, e os problemas por elas compartilhados. A termo de avaliação seria proposto aos alunos desenvolver, em grupo, maquetes de suas respectivas cidades ou bairros, ou produzir um seminário descrevendo, através de imagens em cartaz ou slides, essas áreas.

## **CONCLUSÃO**

Embora com uma proposta um tanto pretensiosa, afinal, discutir sobre a Geografia escolar, sobre o modo como em tese deveria ser praticada nas escolas

públicas, e como de fato se desenvolve a sua prática nesse meio, sobre métodos e técnicas de ensino e enfim, propor uma metodologia condizente com a ciência geográfica e com a realidade brasileira mostrou-se uma tarefa deveras árdua, este trabalho foi motivado inicialmente por uma série de inquietações que surgiram no ínterim da pesquisa de campo realizada no Centro Educacional Osmar de Aquino, em Guarabira, com o intento de obter aprovação para o Componente Curricular Prática Pedagógica II, ministrado pela professora Cléoma Maria T. Henriques.

Estas inquietações tomaram tamanha proporção que nelas teve gênese esta pesquisa. Como pedagogias ou propostas de Ensino-aprendizagem diferenciadas no âmbito da geografia praticada nas escolas públicas, nos apoiamos nos diálogos com Freire, Santos e Ausubel, que contribuem com suas teorias na busca desta aprendizagem que possa ser repleta de sentido para o discente, que tenha um real significado e relevância, e que esteja conectada com sua realidade.

Os autores concordam que, em sala de aula, os conteúdos trazidos têm de estar intimamente relacionados com as experiências do educando, que este possa repensar o conhecimento antes de assimilá-lo, e que, junto com o saber, a criticidade e a individualidade de cada educando sejam desenvolvidas e estimuladas.

Pode-se concluir, a partir das informações coletadas e das leituras realizadas durante a pesquisa, que a escolha de uma metodologia adequada por parte do professor não apenas determinará o sucesso de sua prática pedagógica, mas também o desenvolvimento de todo o complexo processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que o planejamento é etapa primordial na construção do conhecimento, e um dos seus pontos centrais diz respeito a determinação do(s) método(s) e técnica(s) que deverão ser utilizados na aplicação do saber.

No âmbito das escolas públicas, onde a maioria dos profissionais de ensino optam pela metodologia tradicional para a construção de suas práticas educacionais, o educando é severamente prejudicado, pois o Ensino Tradicional (e a Geografia Tradicional, em específico) limita-se meramente a transferir as informações do livro didático do professor para o aluno, como se esse fosse apenas um depósito do conhecimento, tolhendo a curiosidade, a compreensão e a criticidade de ambos, o que contribui para a manutenção de inúmeros estigmas sociais perpetuados, no Brasil, pelo comodismo e pela ignorância.

Aprendizagens mecânicas, como diz Ausubel, de fácil esquecimento ou que não encontram nada com que se relacionar, desenvolvidas através de aulas tradicionais, desmotivadoras, estão diretamente relacionadas com situações como a evasão escolar e os baixos rendimentos dos estudantes da rede pública de ensino em exames avaliativos do MEC e INEP ou mesmo no ENEM.

Contudo o corpo docente dessas instituições não pode ser inteiramente responsabilizado, pois o poder público, que deveria fornecer as condições necessárias para o pleno funcionamento das escolas sob sua tutela, negligencia os seus deveres, permitindo o sucateamento das mesmas. Deve-se acrescer ainda as péssimas condições de trabalho impostas a esses profissionais, os baixos salários, as cargas horárias inumanas, a insegurança, e a falta, em muitos casos, de assistência pedagógica e psicopedagógica.

Em suma, uma melhoria na qualidade de ensino das escolas públicas implicaria em mais investimentos na formação e na valorização de seus profissionais, e, evidentemente, na revitalização e instrumentalização das escolas.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: Uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: A psicogenética e o conhecimento escolar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, mai/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: EGA, 1996.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; BARON, Márcia Pirih; FINCK, Nelcy Teresinha Lubi; DOROCINSKI, Solange Inês. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Rev. PEC**, Curitiba, vol. .2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001 - jul. 2002. Disponível em: < <http://www.cic.pt/pec/>>. Acesso em: 19 mai. 2015.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. 3ª ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2004. (Coleção Milton Santos).



SANTOS, Roberto Vadan dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Integração**, São Paulo, ano 11, n. 40, p. 19-31, jan/fev/mar. 2005. Disponível em: <<http://www.usjt.br/prppg/revista/>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino da Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009.